

## O CONCEITO FOUCAULTIANO DE ENUNCIADO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA EM LINGUÍSTICA

Lucas Martins Gama Khalil<sup>1</sup>

**RESUMO:** Considerando as relações teóricas entre a Análise do Discurso e a Linguística, este artigo objetiva realizar um estudo sobre as contribuições do conceito de enunciado, elaborado por Michel Foucault, para as pesquisas no campo da linguagem. Para isso, abordamos alguns textos do filósofo francês, nos quais ele realiza apontamentos sobre a questão da língua e de seu estudo. Apresentamos mais enfaticamente a elaboração do conceito de enunciado em *A arqueologia do saber*, uma vez que ele possibilita uma reflexão sobre o papel do analista do discurso frente à materialidade linguística.

**Palavras-chave:** língua; discurso; enunciado.

**ABSTRACT:** Taking into account the theoretical relations between Discourse Analysis and Linguistics, this paper aims to conduct a study on the contributions of the concept of statement, developed by Michel Foucault, for researches concerning language issues. This way, we discuss some texts of the French philosopher, in which he focuses on the language and its study. More emphatically, we present the elaboration of the concept of statement in *The archeology of knowledge*, since it enables a reflection on the role of discourse analyst in the study of linguistic materiality.

**Keywords:** language; discourse, statement.

As afirmações de que a Análise do Discurso é constituída a partir de certas confluências entre a Linguística, a História e a Psicanálise podem ser encontradas na maioria dos livros ou manuais introdutórios sobre tal disciplina. No entanto, o lugar do analista do discurso no interior da Linguística (cujos programas de Pós-Graduação são, na maior parte das universidades, os únicos que contêm linhas de pesquisa em Análise do Discurso) ainda não parece ser um lugar estável e indiscutível. Tais pesquisadores são, muitas vezes, questionados se o que fazem é Análise do Discurso ou Linguística (de maneira dicotômica); ou, até mesmo, se há alguma importância da Linguística (referindo-se possivelmente à chamada Linguística *hardcore*) para suas reflexões.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutorando em Estudos Linguísticos. Professor substituto do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: lucas\_mgk@hotmail.com.

A manutenção desse *status* relacionado aos trabalhos em Análise do Discurso é ainda mais fortalecida quando se considera a abundante ocorrência de pesquisas e estudos embasados em autores declaradamente não linguistas, como Michel Foucault. Há características que justificam a inserção desses trabalhos na Linguística, como área mais ampla? É a partir desse tipo de questionamento que propomos problematizar (ou defender, por que não?) a possível contribuição de conceitos foucaultianos para estudos no campo da linguagem, considerando o direcionamento peculiar que os pesquisadores de cada área podem atribuir às reflexões do filósofo francês. Dito de outro modo, a leitura das obras de Foucault por um linguista não será a mesma leitura que realizaria um historiador, sociólogo ou filósofo, por exemplo, mas, nem por isso, deixa de ser válida, na medida em que atende a determinadas especificidades.

Após traçar um breve panorama acerca da relação entre Michel Foucault e a noção de língua em algumas de suas obras, focalizaremos um conceito que julgamos essencial na constituição de uma ponte entre Linguística e Análise do Discurso: o enunciado, definido por Foucault em *A arqueologia do saber* [1969]<sup>2</sup>. Como conclusão deste artigo, analisaremos duas peças publicitárias, objetivando conjugar as reflexões teóricas abordadas e as consequências práticas desse “olhar” específico para as materialidades linguísticas.

### **Michel Foucault e a noção de língua**

Um dos aspectos fundamentais em estudos inseridos na Linguística refere-se justamente à questão: o que compreender por “língua”, suposto objeto desse campo do conhecimento. Na Análise do Discurso, especificamente, vale ressaltar que se estuda não apenas o nível “terminal” – conforme nomenclatura de Courtine (2009) – da materialidade linguística, mas, sobretudo, as condições sócio-históricas de produção dos enunciados, o modo como a emergência de cada dizer e de cada efeito de sentido relaciona-se a uma rede enunciativa mais ampla do que o acontecimento de linguagem hipoteticamente instaurado.

---

<sup>2</sup> Optamos por colocar entre colchetes o ano primeiro de lançamento de algumas das obras, pois, ao objetivarmos demonstrar o percurso de uma elaboração teórica e de uma fase específica do autor, essa visualização histórica torna-se pertinente. Os anos das edições utilizadas para consulta aparecem entre parênteses nas citações.

Embora realizemos essas especificações e enfatizemos a relevância de outros objetos na Análise do Discurso, dos quais podemos citar a própria noção de “discurso”, a questão “o que é língua” ainda é posta em cena com um papel importante no direcionamento teórico-metodológico do analista do discurso, se consideramos que, pelo menos institucionalmente, este geralmente recebe a qualificação mais geral de “linguista”. Por isso, questionamos: o que ocorre, no caso da definição de “língua”, é apenas a assunção, por tabela, de conceitos já legitimados na área, como os de Saussure ([1916] 1972), por exemplo?

Fazendo um paralelo com outra teoria considerada constituinte da Análise do Discurso, o materialismo histórico, podemos constatar que essa ideia de transposição conceitual não se sustenta. Noções como assujeitamento do sujeito, inicialmente embasadas em elaborações marxistas, ou a própria acepção negativa de “ideologia” (como mascaramento da verdade) já não são defendidas pela maioria dos analistas do discurso, tendo em vista o desenvolvimento desse campo de pesquisas ao longo das últimas décadas. Estudos discursivos com base em Foucault, para citarmos um exemplo, quase não recorrem a essa filiação marxista ao considerarem a abordagem peculiar das relações de poder proposta pelo filósofo francês.

Sem nos alongarmos sobre a supracitada questão, que não constitui o foco deste artigo, tracemos um panorama acerca da conceituação, direta ou indireta, de língua em algumas obras de Foucault. Embora tal teórico não seja exatamente um linguista (e nem se proponha como tal), muitos de seus artigos e livros oferecem discussões relevantes para estudos que abordam a relação entre linguagem e discurso.

Em *Sobre as maneiras de escrever a história* [1967], Foucault (2000e, p. 72) realiza uma definição bastante explícita acerca do que entende por língua: “A língua é um conjunto de estruturas, mas os discursos são unidades de funcionamento, e a análise da linguagem em sua totalidade não pode deixar de fazer face a essa exigência fundamental”. A discussão sobre a questão da “estrutura” (ou do “estruturalismo”), por sua vez, é algo constante em alguns textos de Foucault, como esse a que acabamos de nos referir. Sobre tal ponto, o delineamento da posição do filósofo recorre diretamente a outros posicionamentos e conceitos legitimados no interior da ciência Linguística:

Diferentemente daqueles que são chamados de estruturalistas não estou tão interessado pelas possibilidades formais oferecidas por um sistema como a língua. Pessoalmente, estou antes obcecado pela existência dos discursos,

pelo fato de as palavras terem surgido [...], pois meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, a existência acumulada dos discursos (2000e, p. 71).

Quando se trata a língua como sistema, observamos uma referência, mesmo que indireta, às célebres elaborações teóricas de Saussure, fundador da Linguística moderna e considerado o “pai” do Estruturalismo. Depreende-se do excerto que Foucault não nega categoricamente que a língua seja um sistema, cujos signos são interdependentes e cujos valores determinam-se pela oposição, tanto sintagmática quanto paradigmática; o que ele propõe, em contrapartida, é uma mudança de foco, coerente com os objetivos posteriormente traçados em sua obra de cunho teórico-metodológico, *A arqueologia do saber*.

De uma forma mais ampla, considerando-se o posicionamento de Foucault frente ao próprio Estruturalismo, é importante que destaquemos um trecho do texto *Retornar à história* [1972]:

O estruturalismo, definindo as transformações, a história, descrevendo os tipos de acontecimentos e os tipos de duração diferentes, tornam possíveis simultaneamente o aparecimento das discontinuidades na história e o aparecimento de transformações regradas e coerentes (FOUCAULT, 2000c, p. 295).

Como se observa, Foucault apoia uma conjunção contributiva entre o rigor descritivo do Estruturalismo e o trabalho do historiador. Na conclusão de *A arqueologia do saber*, ao realizar uma “entrevista” consigo mesmo, Foucault chega a questionar, ironicamente, se o seu trabalho escapa ou não à insígnia de estruturalista, devido ao método de descrição de enunciados que apresenta no decorrer da obra.

A discussão sobre a questão da “estrutura” é, inclusive, mote para um dos textos de Michel Pêcheux, considerado o fundador da Análise do Discurso francesa: trata-se do livro *O discurso: estrutura ou acontecimento* [1983]. A conclusão mais provável acerca dessa alternativa muito se aproxima das reflexões foucaultianas anteriormente citadas. Uma abordagem discursiva não precisa desconsiderar integralmente o caráter sistemático da língua. Por outro lado, o que o analista do discurso enfatiza é o papel do enunciado enquanto acontecimento, inserido em práticas sociais e históricas, e o modo como a emergência de um dizer, em peculiares relações interdiscursivas, movimenta a própria significação dos elementos linguísticos, afinal, “o laço que une as significações de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas

constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX, HENRY, HAROCHE, [1971] 2007, p. 16).

Se a língua consiste em um sistema de signos que implica valores constituídos por oposição, a Análise do Discurso alarga essas possibilidades opositivas, na medida em que insere a reflexão sobre as formações discursivas, que, de certa forma, também se configuram pela diferenciação, ao “modificarem”, cada uma a partir de suas regras enunciativas, os valores dos signos. Segundo Pêcheux, Henry e Haroche (2007, p. 20), “as palavras ‘mudam de sentido’ ao passar de uma formação discursiva a outra”. Essa breve incursão pela Análise do Discurso pecheuxtiana, embora não seja o foco deste artigo, torna-se importante para evidenciar que a questão da língua não é apenas uma temática isolada nas obras de Foucault, mas está no cerne da relação entre o analista do discurso, seja qual for a sua orientação específica, e a Linguística.

Voltando ao pensamento foucaultiano, destacamos outro trecho em que o autor não recusa o caráter sistemático da língua, mas sugere uma abordagem diferente, enfatizando a especificidade histórica dos enunciados: “A linguagem é tanto o fato das palavras acumuladas na história quanto o próprio sistema da língua” (FOUCAULT, [1964] 2000f, p. 140). A constituição de redes enunciativas no decorrer da história configura justamente um dos preceitos basilares da elaboração metodológica de Michel Foucault em *A arqueologia do saber*, como veremos no segundo tópico, dedicado à apresentação do conceito de enunciado.

Havendo uma mudança de perspectiva em relação aos estudos da Linguística saussureana, conforme argumentamos, de que forma podemos defini-la? Diversos textos de Foucault, sobretudo produzidos entre o meio da década de 1960 e o início da década de 1970, ajudam a delinear tal abordagem. No já citado *Retornar à história*, o filósofo assevera:

Se não houvesse o sujeito falante para retomar a cada instante a língua, habitá-la no seu interior, contorná-la, deformá-la, utilizá-la, se não houvesse esse elemento da atividade humana, se não houvesse a palavra no próprio cerne do sistema da língua, como a língua poderia evoluir? Ora, a partir do momento em que se deixa de lado a prática humana para se considerar apenas a estrutura e as regras de coerção, é evidente que se falha novamente em relação à história (FOUCAULT, 2000c, p. 285).

No excerto acima, observamos que Foucault, embora tenha proposto, de certa maneira, uma conjunção entre a história e dada noção de “estrutura”, alerta para o fato

de que, muitas vezes, deixa-se de lado o caráter de “atividade humana” nos estudos sobre a língua. Tal “falha” com relação à história aproxima-se de algumas críticas que Pêcheux, no início da Análise do Discurso, realizava em relação à chamada Linguística da língua, que, segundo o autor, excluiria a fala (uso efetivo da língua) e apagaria, dentre outras coisas, o sujeito e a História. Essa mudança de postura, na obra de Foucault, relaciona-se fundamentalmente ao seu trabalho sobre as transformações das ciências humanas, exposto de forma mais acurada em *As palavras e as coisas* [1966]:

Embora o homem seja, no mundo, o único ser que fala, não constitui ciência humana conhecer as mutações fonéticas, o parentesco das línguas, a lei dos desvios semânticos; em contrapartida, poder-se-á falar de ciência humana desde que se busque definir a maneira como os indivíduos ou grupos representam as palavras, utilizam sua forma e seu sentido, compõem discursos reais, mostram e escondem neles o que pensam, dizem, talvez à sua revelia, mais ou menos do que pretendem, deixam desses pensamentos, em todo o caso, uma massa de traços verbais que é preciso decifrar e restituir, tanto quanto possível, à sua vivacidade representada (FOUCAULT, 1999, p. 488).

As primeiras linhas dessa citação podem parecer “ofensivas”, a princípio, em referência a outras áreas de estudos linguísticos, como a Fonética. Porém, enxergamos tais afirmações como uma necessária tomada de posição, uma “demarcação de terreno” que qualquer vertente de estudos pode (e precisa) realizar. Longe de subestimar os estudos sobre os parentescos entre as línguas, as mutações fonéticas, os desvios semânticos, Foucault apenas ressalta que, no campo das ciências humanas, é imperativo que se considere a “vivacidade representada” da língua, isto é, que se conceba esse objeto em seu caráter de atividade humana. O autor ainda completa que: “as ciências humanas, com efeito, endereçam-se ao homem na medida em que ele vive, em que fala, em que produz” (FOUCAULT, 1999, p. 485).

*Sobre a arqueologia das ciências* [1968] é um texto no qual Foucault evidencia alguns posicionamentos mais explícitos sobre a ciência Linguística. Nele, o autor, além de não atribuir para si a alcunha de “estruturalista”, diz-se interessado por algumas contribuições do Gerativismo, como podemos perceber no início do seguinte excerto:

Uma língua [...] é um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de *performances*. O discurso, em contrapartida, é um conjunto sempre finito e atualmente limitado unicamente pelas sequências linguísticas que foram formuladas; elas podem ser certamente inumeráveis, podem, por sua massa, ultrapassar qualquer capacidade de registro, de memória ou de leitura: não obstante, elas constituem um conjunto finito. A questão que a análise da língua coloca, a respeito de um fato qualquer de discurso, é

sempre: segundo que regras tal enunciado foi construído e, conseqüentemente, conforme que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição do discurso coloca uma questão diferente: como ocorre que tal enunciado tenha surgido e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2000d, p. 92).

Apesar de Foucault não ser um gerativista, o início da definição supracitada poderia ser encontrado, com algumas variações, em qualquer texto introdutório sobre essa corrente de estudos linguísticos. Em que aspecto tal definição poderia concernir ao discurso, tendo em vista que o objeto de estudo de Foucault não é especificamente a língua? Focalizemos a sequência da definição: após opor a finitude das regras linguísticas e as infinitas possibilidades de formulação e reformulação, o autor apresenta o discurso como algo que limita tal conjunto “infinito”. Em outras palavras, quando um sujeito é interpelado por determinados discursos, ele não pode dizer tudo, para todos e em qualquer situação. Não estamos tratando aqui de maquinarias discursivas ou “máquinas de dizer”, que tornariam os sujeitos completamente assujeitados, mas sim de tomadas de posição frente aos variados discursos e seus mecanismos relativos àquilo que pode e/ou deve ser dito em determinadas condições sócio-históricas.

Pelo fato de os discursos restringirem, de certa forma, as possibilidades de formulação a partir de elementos e regras da língua, é papel do analista do discurso, com base em Michel Foucault, questionar as condições de emergência dos enunciados, isto é, por que se diz algo e por que esse algo é dito de tal forma e não outra:

O que analiso em um discurso não é o sistema de sua língua, nem, de uma maneira geral, as regras formais de sua construção; pois não me preocupo em saber o que o torna legítimo, ou lhe dá sua inteligibilidade e lhe permite servir à comunicação. A questão que coloco é aquela, não dos códigos, mas dos acontecimentos: a lei da existência dos enunciados, o que os torna possíveis – eles e algum outro em seu lugar; as condições de sua emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não (FOUCAULT, [1968], 2010, p. 9).

Tal deslocamento teórico, que recai, sobretudo, nas questões de pesquisa que Foucault propõe, prepara o terreno para a produção da obra *A arqueologia do saber*. Apresentando uma metodologia para o estudo dos enunciados, Foucault faz ressoar em todo o livro a pergunta: “Por que apareceu um enunciado e não outro em seu lugar?”. É acerca das características do conceito de enunciado e de suas possíveis relações com os estudos linguísticos que discorreremos no seguinte tópico.

## **O conceito de enunciado em “A arqueologia do saber”**

No decorrer deste artigo, referimo-nos algumas vezes a “enunciado”. Devido à importância central desse conceito no método “arqueológico” de Michel Foucault, é necessário que explicitemos suas principais especificidades. O termo “enunciado”, no campo de estudos da linguagem, geralmente remete a instâncias equiparáveis, por exemplo, à frase. Como o conceito foucaultiano não se reduz à consideração de uma organização linguística material mais ou menos estabilizada, o primeiro passo do autor é distinguir “enunciado” de certas noções recorrentes em discussões sobre linguagem: a proposição, associada por Foucault à Lógica; a frase, concepção fundamentalmente gramatical; e o ato ilocutório, proveniente de elaborações teóricas dos ingleses Austin e Searle.

Em primeiro lugar, o enunciado não equivale à noção de proposição, pois o seu parâmetro de atribuição de sentido, dentre outras coisas, não se encerra na identificação de afirmações correspondentes (eventualmente “verdadeiras” ou “falsas”). Por exemplo: se “João comprou o carro” e “O carro foi comprado por João” são proposições indiscerníveis do ponto de vista lógico, para a análise enunciativa, a simples escolha pela ordem das palavras pode evidenciar, hipoteticamente, a direção argumentativa decorrente de um posicionamento peculiar do sujeito discursivo. Em casos como esse, “trata-se da mesma estrutura proposicional, mas de caracteres enunciativos bastante distintos” (FOUCAULT, 2000a, p. 91).

O enunciado tampouco equivale completamente à frase. Foucault sugere que as frases, sob determinado ponto de vista, podem vir a constituir enunciados. No entanto, nem todo enunciado obedece a uma estrutura gramatical isolável que geralmente denominaríamos “frase”. Foucault (2000a, p. 93) exemplifica tal questão: “um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados, não de frases [...], uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, são enunciados: onde estão as frases?”. Além de haver enunciados que não são frases, pode-se ainda citar o papel da materialidade não verbal na produção de sentidos: uma frase como “Isto não é um cachimbo” (título de outra obra de Foucault e de um quadro de René Magritte), por exemplo, associada ao desenho de um cachimbo, produz interpretações que expandem o limite dos enunciados além da superfície frasal.



A possibilidade mais “verossímil” de todas, segundo Foucault, refere-se ao ato ilocutório. Tal conceito possibilita a reflexão sobre os aspectos pragmáticos envolvidos na produção linguística; no entanto, essa problematização incide sobre um contexto mais imediato, isto é, “o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado” (FOUCAULT, 2000a, p. 94). Como sabemos, a discussão sobre o enunciado no interior da Análise do Discurso, de modo geral, não considera apenas o contexto pragmático da enunciação, mas também um domínio de anterioridade, que diz respeito à construção de redes enunciativas no decorrer da história. Esse é um dos fatores pelos quais não se defende a sinonímia entre “condições de produção” e “contexto”.

Após explicar o que o enunciado não é, Foucault (2000a, p. 98-99) nos oferece a seguinte definição, que, apesar de ser mais direta, é inicialmente desencadeada por uma negação:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação.

Conforme se pode observar, não há equivalência entre o conjunto de enunciados de um discurso e o conjunto de sentenças possibilitadas pelas relações estruturais de um sistema linguístico. A relação entre enunciado e materialidade se estabelece no nível do sentido, das regras (não gramaticais, mas discursivas) e das práticas engendradas pelos dizeres. Por isso, Foucault define “enunciado” como uma função: no interior de dado discurso, um enunciado “faz sentido”, ou não, de acordo com as especificidades da formação discursiva em questão.

Na prática, uma sentença linguística pode ser considerada um enunciado, desde que a abordagem do pesquisador focalize a emergência das materialidades frente aos aspectos sócio-históricos que remontam a redes enunciativas mais amplas. Lembremos que um discurso, de certa forma, “restringe” o caráter infinito das possibilidades de seleção e combinação linguísticas. É papel do pesquisador, nesse sentido, demonstrar a “raridade” de um enunciado, o porquê de sua emergência dentre várias possíveis, dentre outras estratégias discursivas momentaneamente descartadas.

Na *Arqueologia*, ressalta-se diversas vezes que o enunciado não corresponde completamente à materialidade linguística. No entanto, alguns trechos nos chamam a atenção por salientar o papel da língua na elaboração do método proposto:

Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua). A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição (mais ou menos exaustiva) obtida a partir de um conjunto de enunciados reais. Língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência; e não podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas (FOUCAULT, 2000a, 96-97).

Apesar de o objeto da análise “arqueológica” não ser exatamente a língua, ela existe como “sistema de construção para enunciados possíveis”. A pergunta que ressoa é: esse estatuto de “nível material” dos enunciados faz com que negligenciemos o que a língua apresenta como especificidade? O próprio Foucault, ao expor o que considera as quatro características do enunciado, ajuda-nos a responder tal questão.

A primeira característica refere-se aos supostos “correlatos” referenciais dos enunciados. O sentido de um enunciado não existe em função de um referente óbvio e identificável no “mundo concreto”, mas sim a partir de certos domínios em que estão inseridos. Para citarmos um exemplo, o valor de “verdade” de uma frase retirada de um romance não funciona do mesmo modo que funcionaria se essa mesma frase estivesse presente em um texto didático. O segundo aspecto apontado por Foucault é a peculiar relação entre enunciado e sujeito. Não estamos nos referindo ao sujeito gramatical ou ao sujeito empírico, mas às posições sócio-históricas assumidas pelos indivíduos nos acontecimentos enunciativos. O funcionamento de um enunciado depende, por exemplo, da autoridade que a instância produtora adquire em uma sociedade determinada, além da imagem desse sujeito produzida pelo próprio enunciado. A terceira particularidade do conceito refere-se à construção de um domínio associado: Foucault (2000a, p. 112) assevera que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. Isso significa que a análise de um enunciado deve considerar a anterioridade, ou mesmo a coexistência, de discursos e o modo como dadas séries enunciativas são constituídas ao longo da História.

É na quarta característica do enunciado que se estabelece, com mais evidência, a relação entre o nível linguístico e o nível enunciativo. Segundo Foucault, para que algo

possa ser analisado como “enunciado”, é necessária a existência material. Tal aspecto é constitutivo do próprio enunciado, ou seja, não é uma substância que meramente serve como máscara, ao materializar a “profundez” dos discursos; pelo contrário, participa ativamente da produção dos sentidos. “O enunciado não se identifica com um fragmento de matéria; mas sua identidade varia de acordo com um regime complexo de instituições materiais” (FOUCAULT, 2000a, p. 118). Além de ser determinado por um campo de correlações, uma posição-sujeito e um domínio associado, o enunciado tem sua identidade atrelada ao modo como suas materialidades estão dispostas. Analisar um enunciado, dessa forma, não é apenas traçar as suas condições sócio-históricas de emergência, mas demonstrar o papel de determinada organização material, e não outra, na produção dos sentidos.

Nessa perspectiva, cabe ao analista do discurso interrogar:

Qual é, pois, essa materialidade própria do enunciado e que autoriza certos tipos de repetição? Como se pode falar do mesmo enunciado onde há várias enunciações distintas – enquanto devemos falar de vários enunciados onde podemos reconhecer formas, estruturas, regras de construção, alvos idênticos? Qual é, pois, esse regime de *materialidade repetível* que caracteriza o enunciado? (FOUCAULT, 2000a, p. 117).

A emergência de um enunciado está ligada ao singular funcionamento de um discurso em dado momento histórico e frente a determinadas práticas sociais. O aspecto linguístico, por sua vez, participa de um “regime de repetibilidade” possibilitado pela própria existência de uma língua e suas especificidades lexicais, sintáticas e semânticas. A “repetibilidade”, no entanto, não garante a identidade de sentidos e é justamente nesse ponto que a Análise do Discurso trabalha; demonstrando, dentre outros fatores, que os signos podem adquirir diferentes valores a depender dos discursos que os envolvem.

### **Enunciados em análise**

Nesta última parte, objetivamos realizar uma breve análise sobre algumas peças das campanhas publicitárias “Liga da Saúde” e “Hollywood”, promovidas pela rede de hortifrutigranjeiros Hortifruti no ano de 2009. Propõe-se mostrar como o sentido das palavras depende, ao mesmo tempo, de uma organização linguística peculiar e da inscrição em variadas práticas discursivas. Trazendo à tona os apontamentos teóricos até

aqui discutidos, ecoamos a pergunta: qual é o papel da materialidade linguística em uma análise de discursos?



Imagem 1

Fonte: <http://www.hortifruti.com.br/campanhas/hollywood.html>

Inicialmente, o que se observa é a presença da intertextualidade em relação ao enunciado que intitula um super-herói e, notadamente, um filme hollywoodiano do ano de 2008: “O incrível Hulk”. Essa seria, talvez, a parte mais previsível da análise e, para constatar-la, não é preciso ser um analista do discurso (apesar de afirmarmos que uma das características do enunciado é, justamente, estar sempre rodeado por outros enunciados). Partindo do método “arqueológico” exposto por Foucault, o que questionamos, mais especificamente, é o modo como essa parcial repetibilidade produz efeito sobre os sentidos das materialidades empregadas.

Saussure ([1916] 1972), em seu *Curso de Linguística Geral*, defende que o valor de um signo é determinado pelo concurso do que existe à sua volta, isto é, por oposição a outros signos, tanto dispostos sintagmaticamente quanto em séries paradigmáticas. Tal interdependência não é denegada pelos estudos do discurso; Foucault, por exemplo, não hesita em chamar a língua de “sistema”. Por outro lado, a inserção da problemática do discurso exige que olhemos de outra maneira para essa atribuição de valor. Observemos a expressão “A incrível rúcula”, sobretudo a palavra “rúcula”. Sintagmaticamente, a escolha pela ordem “A incrível rúcula” em detrimento de “A rúcula incrível” não é uma possibilidade aleatória no interior de um sistema linguístico, pois, se tal ordem fosse alterada, perder-se-ia grande parcela do sentido intertextual. Assim, podemos afirmar que o valor de “incrível” e “rúcula”, do ponto de vista da linearidade do significante, não depende de uma ordem interna do sistema, mas de uma ordem mais ampla, aquela referente aos discursos e às redes enunciativas. “A incrível rúcula” e “A rúcula incrível”

podariam ser consideradas, eventualmente, como proposições equivalentes, o que não garante nenhuma identidade de enunciados.

Já em relação ao nível paradigmático, se trocássemos “rúcula” pelo nome de qualquer outra verdura, como “couve” ou “agrião”, também atestaríamos o caráter não aleatório dessa escolha. Em outras palavras, não basta analisar os signos isoladamente, sem apreender suas funções no interior de um enunciado. Podemos dizer que o sentido do signo “rúcula”, em oposição a “agrião”, por exemplo, não é prioritariamente constituído pela conjunção entre determinados semas, mas sim a partir da sua inscrição em redes enunciativas. Essa inscrição, no caso em análise, é mediada pelo aspecto fônico da materialidade linguística.

Além de um enunciado suscitar uma rede enunciativa mais ampla, lembremos que ele funciona em um campo de correlações determinado. A expressão “A incrível rúcula” emerge em um discurso do tipo publicitário, mas a produção de sentido perpassa pela relação interdiscursiva com enunciados de outros tipos, como os presentes no meio cinematográfico. Na propaganda, de forma geral, esse deslocamento é muito comum, tendo em vista o eficaz uso da criatividade para chamar a atenção do consumidor. O que se observa nessa peça publicitária é a criação de um campo de correlações, associado a um cartaz de filme, dentro de outro campo de correlações, o da propaganda da rede de produtos alimentícios. O enunciado “A Hortifruti apresenta” tem uma estrutura típica dos anúncios de produções cinematográficas. O léxico utilizado também ajuda a criar essa atmosfera peculiar, com destaque para a palavra “estrela”, que remete a “estrela de cinema”, e “superpoderes”, uma referência mais específica aos filmes de super-heróis.

Por sua vez, o campo de correlações mais amplo (referente à propaganda comercial da empresa Hortifruti) é delineado a partir de pontos específicos, dentre os quais podemos citar, obviamente, a logomarca do supermercado e, não tão obviamente, a constituição de uma dêixis própria do meio publicitário. Estamos chamando a atenção para o enunciado “Aqui a natureza é a estrela”. Nele, a palavra “aqui” estabelece a questão fundamental de qualquer propaganda comercial: deve-se escolher esta opção por ser a melhor dentre as existentes no mercado. Não é apenas a afirmação de um “aqui”, mas a diferenciação e, por vezes, a diminuição de um “lá”, o outro. Com relação à questão do valor do signo, eis uma diferença fundamental do método arqueológico: o

sentido das palavras sempre se constitui a partir de práticas sócio-históricas; não se trata apenas de delinear o funcionamento do “aqui” em oposição aos signos “vizinhos” no sistema linguístico, mas de evidenciar o seu papel peculiar no funcionamento do discurso publicitário, por exemplo.

Apesar de explorar o atravessamento entre a linguagem da publicidade e alguns enunciados típicos do meio cinematográfico, a propaganda em questão não deixa o enunciatário “perdido”, pois as práticas discursivas estabelecem certos “pactos” de leitura entre os sujeitos. Salientemos que uma das características do enunciado é o funcionamento de posições-sujeito. Dessa forma, a leitura dessa propaganda impõe ao enunciatário o papel de consumidor potencial, que, embora depare com o suposto anúncio de um filme, exerce uma função definida frente aos objetivos engendrados na prática social em que se insere.

Na peça publicitária a seguir, observamos as mesmas questões com relação ao movimento intertextual, sobretudo no título: “Super Inhame”. Para evitarmos repetição, destaquemos alguns outros aspectos importantes para o funcionamento dos enunciados que emergem:



Imagem 2

Fonte: <http://www.hortifruti.com.br/campanhas/liga-da-saude.html>

Chamamos a atenção, primeiramente, para o enunciado “Vai limpar seu sangue das impurezas inimigas”, que ativa dada memória discursiva acerca do que se diz sobre o super-herói ao qual se faz referência: aquele que “limpa” a cidade combatendo os criminosos/ inimigos. Pode-se dizer que a emergência dessas materialidades, sobretudo das palavras “limpar” e “inimigos”, decorre do caráter lúdico que caracteriza a campanha publicitária. É uma forma de garantir certa “coerência” aos jogos de palavras

propostos: alguns outros “heróis” criados pela empresa são “Batatman”, “Pimentão América”, “He-manga”, “Thormate” etc. Quando nos referimos à “coerência” no interior da Análise do Discurso, não estamos pensando em um mero resultado semântico proveniente das relações estabelecidas na superfície textual, mas em um construto que só adquire sentido frente às práticas discursivas. A sentença “Vai limpar seu sangue das impurezas inimigas”, isolada do contexto lúdico da propaganda, pouco significaria para quem a lesse em um diferente campo de correlações.

Outro aspecto importante é o modo como os vários espaços da propaganda dão legitimidade a certas práticas bastante específicas. Com muita recorrência, as peças publicitárias impressas reservam espaços periféricos para observações mais “sérias”, relativas a riscos ou advertências, geralmente grafadas com letras minúsculas. Conforme tal regularidade, encontramos sentenças como “Beba com moderação”, “Ao persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado”, dentre outras. A parte inferior direita da propaganda em análise, com letras relativamente pequenas, apresenta: “Pratique hábitos saudáveis. A alimentação equilibrada previne sua família de inúmeras doenças”. O jogo entre o lúdico e o “sério”, recorrente na publicidade, se constitui, como observamos, a partir de práticas regulares que vão sendo legitimadas no decorrer da história. Sendo assim, o enunciatário, ao ler/ ver uma propaganda como essa, já “sabe”, de certa forma, em que pontos será interpelado, ou por uma advertência, ou pelo conteúdo jocoso, ou pelo caráter propriamente persuasivo.

As breves considerações que realizamos sobre as duas peças publicitárias não esgotam, obviamente, as possibilidades de análise. Poder-se-ia estudar, por exemplo, o porquê da emergência de certas temáticas, tais como “super-heróis” e “alimentação saudável”, no contexto histórico em que vivemos. A própria obra de Foucault, em suas outras “fases” (segundo alguns estudos sobre o autor, a “arqueológica” seria apenas uma delas), oferece recursos para se pensar a posição do sujeito frente ao “cuidado de si” e aos diferentes regimes de biopoder, associados a dadas formações discursivas. Do mesmo modo, seria relevante discutir o (re)aparecimento desses heróis, sobretudo na grande mídia cinematográfica, em um momento histórico no qual o medo do terrorismo, da violência e da destruição ambiental é constantemente alimentado pelos noticiários, produzindo novas formas de subjetivação.

O objetivo deste trabalho, no entanto, foi evidenciar especificamente o papel da materialidade linguística na proposta foucaultiana de análise de enunciados. Tentamos, ao trazer diversos textos teóricos do autor, mostrar que o tratamento do discurso não exclui certas peculiaridades da língua. O analista do discurso, sobretudo o que também é linguista, não deve meramente descrever um pano de fundo sócio-histórico que seja justificativa imediata de determinado posicionamento discursivo, mas articular tais reflexões ao modo como os enunciados são materializados, afinal, as palavras não são simples invólucros superficiais de um discurso supostamente criptografado. Conforme argumenta Foucault, “o enunciado tem necessidade dessa materialidade; mas ela não lhe é dada em suplemento, uma vez estabelecida todas as suas determinações: em parte, ela o constitui” (FOUCAULT, [1969] 2000a, p. 115).

## Referências

- COURTINE, Jean-Jacques. *O discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck [et al.]. São Paulo: Edufscar, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.
- FOUCAULT, Michel. Linguística e ciências sociais. In: *Ditos e Escritos II*. Tradução Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.
- FOUCAULT, Michel. Retornar à história. In: *Ditos e Escritos II*. Tradução Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000c.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: *Ditos e Escritos II*. Tradução Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000d.
- FOUCAULT, Michel. Sobre as maneiras de escrever a história. Resposta ao círculo de epistemologia. In: *Ditos e Escritos II*. Tradução Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000e.



KHALIL, Lucas Martins Gama. O Conceito Foucaultiano de enunciado e sua contribuição para a pesquisa em linguística. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 21 - 37, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000f.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. In: *Ditos e Escritos VI*. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; HAROCHE, Claudine. A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem discurso. In BARONAS, Roberto Leiser. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

Recebido em janeiro de 2014.

Aceito em fevereiro de 2014.